

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS

ANA LÚCIA DUARTE ALBERTON

**O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM OLHAR DOS
PROFESSORES DA ESCOLA ESPECIAL/APAE DE TUBARÃO – SC**

CRICIÚMA

2012

ANA LÚCIA DUARTE ALBERTON

**O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM OLHAR DOS
PROFESSORES DA ESCOLA ESPECIAL/APAE DE TUBARÃO - SC**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
Licenciado no curso de Artes Visuais -
Licenciatura da Universidade do Extremo
Sul Catarinense, UNESC.

Orientador (a): Prof. (ª) Dr. Simone das
Graças Nogueira Feltrin

CRICIÚMA

2012

ANA LÚCIA DUARTE ALBERTON

**O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM OLHAR DOS
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL/APAE - SC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Artes e Educação.

Criciúma, 27 de novembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Simone das Graças Nogueira Feltrin Especialista – Orientadora - UNESC

Prof^a. Me. Silemar de Medeiros da Silva - UNESC

Prof^a. Magda Vieira Especialista - FUCAPI

Dedico às pessoas que estiveram presentes na minha experiência na educação especial.

AGRADECIMENTOS

A Deus;

A meus pais Waldir Piva e Felícia Duarte, que lutaram ao meu lado;

Aos meus irmãos Magali, Tatiane, Marcelo em especial ao meu esposo Jaisson aos meus filhos Julia e Vicente que me incentivaram;

Aos meus amigos e colegas de faculdade, em especial as minhas amigas Amanda, Neca e Gabriela, que durante quatro anos sempre estiveram presente em todos os momentos;

Aos que me ensinaram a sublime missão de ensinar;

Aos companheiros professores, pela constante troca de informações;

Aos meus alunos grandes amigos da educação especial, sem eles este estaria incompleto.

“Os grandes artistas geralmente são assim: diferentes, sensíveis e especiais.”

(Anônimo)

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema principal: O ensino da arte na educação especial: um olhar dos professores da educação especial/APAE – S. Refere-se à importância da arte para as pessoas com deficiência intelectual/múltipla, buscando uma reflexão da importância junto aos pedagogos da instituição. A escolha do tema surgiu através da experiência que tive nesse ano trabalhando com a educação especial, na APAE de Orleans. Mesmo sabendo que a realidade é de inclusão do educando com deficiência nas escolas regulares, vemos a importância da escola especial na vida dos alunos com deficiência intelectual/múltipla. O objetivo dessa pesquisa é analisar como os professores que atuam na escola especial APAE\Tubarão percebe o trabalho desenvolvido pelo professor de arte, de forma a contribuir para o aprimoramento das produções artísticas desenvolvidas para os alunos que possuem deficiência e intelectual e múltipla. Por meio de uma abordagem qualitativa com caráter exploratório. Para a coleta de dados entregamos um questionário aos pedagogos da instituição, buscando saber junto a esses professores, se o ensino da arte contribui para o desenvolvimento dos educandos.

Palavras-chave: Educação Especial, Inclusão, ensino da arte

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

AMA – Associação das Mães dos Autistas

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

FAEB – Fundação dos Arte-Educadores do Brasil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério de Educação e Cultura

ONG – Organização Não Governamental

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNEE's – Portadores de Necessidades educadoras Especiais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 EDUCAÇÃO ESPECIAL, UMA CONVERSA SOBRE A APAE	11
2.1 RELAÇÕES APAE E INCLUSÃO: QUE HISTÓRIA É ESSA?	13
3 O ENSINO DA ARTE COMO PROPOSTA DE INCLUSÃO	16
3.1 POR QUE ENSINAR ARTE?	18
3.2 O ENSINO DA ARTE NO BRASIL	22
3.3 ENSINO DE MÚSICA.....	24
3.4 O ENSINO DE DANÇA	25
3.5 O ENSINO DE TEATRO	26
4 O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	28
4.1 A ARTE COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO.....	32
4.2 HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	34
4.3 A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	37
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	41
6 PROJETO DE CURSO	46
METODOLOGIA.....	47
6.9 REFERÊNCIAS.....	48
7 CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	55
ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO.....	56
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO.....	59

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu do interesse e da necessidade em adquirir maiores conhecimentos, e mais aprofundado sobre a visão que os professores de outras disciplinas possuem a respeito do ensino de artes na educação especial. Como professora de arte na escola especial, sou indagada constantemente a respeito das atividades propostas aos alunos, como foram realizados, materiais utilizados e até mesmo, a questão de credibilidade, se foi ou não o aluno com deficiência que fez as atividades, por exemplo.

O ensino da arte está recebendo destaque nas escolas especiais, e pode ser abordado utilizando-se de diversas linguagens, é através da arte que nós criamos, imaginamos e produzimos, sendo assim o papel do professor é proporcionar aos alunos atividades significativas, visando o seu desenvolvimento.

A pesquisa proposta tem uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, tendo como tema principal: O ensino da arte na educação especial: um olhar dos professores da educação especial/APAE de Tubarão- SC.

Diante deste contexto, caminho para responder ao problema geral: analisar como é percebida a disciplina de artes na perspectiva de outros professores da APAE de Tubarão/SC.

Nesta pesquisa assumo como objetivo geral: analisar como os professores que atuam na escola especial APAE/Tubarão percebem o trabalho desenvolvido pelo professor de arte, de forma a contribuir para o aprimoramento das produções artísticas desenvolvidas para os alunos que possuem deficiência intelectual e múltipla. Tendo como objetivos específicos: divulgar e aprofundar questões que cercam esse assunto para todos profissionais que atuam nas APAES a serem pesquisadas sobre o ensino de arte; relacionar os dados da pesquisa de campo com a fundamentação teórica e analisar as contribuições que o ensino da arte traz à instituição APAE de Tubarão; verificar de que forma o docente percebe as produções artísticas realizadas pelos alunos da escola especial; Elaborar um projeto de curso visando mostrar aos professores as importantes contribuições que o ensino da arte proporciona aos alunos de educação especial atendidos na instituição APAE.

As questões que nortearam a pesquisa e nos permitiram atingir os objetivos e responder ao problema inicial são: O que os professores que atuam na educação especial pensam sobre o ensino da arte no desenvolvimento das pessoas

com deficiência intelectual / múltipla? Os professores acreditam que os alunos possam ter uma relação de aprendizagem com essa disciplina de arte? Quais áreas são consideradas mais importantes nos currículos das APAES?

O estudo proposto aconteceu dentro da Linha de Pesquisa Arte e Educação.

Para a realização da pesquisa foram entregues questionários aos professores da Escola Especiais Ciranda da Esperança – APAE de Tubarão, na qual cada professor respondeu de acordo com sua opinião e entregou para posterior análise. Este questionário teve o intuito de conhecer a visão dos professores que não trabalham artes, procurando saber junto com esses pedagogos, se eles acreditam que a arte possa contribuir para o desenvolvimento dos educandos com deficiência intelectual e múltipla.

O trabalho faz considerações importantes quanto ao ensino na arte, desde os objetivos e histórico da arte no Brasil, seguindo pelo estudo do ensino de artes na educação especial como instrumento de inclusão, bem como a atuação dos professores de artes no ato de incluir alunos com necessidades especiais. Abordando, sempre, a arte no processo de ensino e aprendizagem, e mais especificamente a contribuição da aula de artes no processo de inclusão das crianças com deficiência.

Por fim, faremos uma análise de tudo o que foi estudado e desenvolvido, o que foi aprendido e o que foi vivido durante esta pesquisa. Ressaltando a importância de novos estudos e pesquisas sobre o tema, uma vez que o mesmo é abrangente e socialmente relevante.

2 EDUCAÇÃO ESPECIAL, UMA CONVERSA SOBRE A APAE

O movimento Apaeano é uma grande rede, constituído por pais, amigos, pessoas com deficiência, voluntários, profissionais e instituições parceiras, públicas e privadas para promoção e defesa dos direitos de cidadania de pessoas com deficiência e a sua inclusão social.

Esse grande movimento teve início no Rio de Janeiro, com a fundação da primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, em 11 de dezembro de 1954, com a chegada de Beatrice Bemis no Brasil, vinda dos Estados Unidos e mãe de uma pessoa com Síndrome de Down, que já teria participado de fundações de muitas instituições em seu país e admirou-se ao ver que no Brasil não existia.

Essa primeira APAE fundada em 1954, começou a funcionar num prédio velho cedido pelo diretor do Instituto Lafayette, localizado na Rua Hadock Lobo, na Tijuca, Rio de Janeiro. Foi lá que durante os seis primeiros anos de criação das APAES, que sua diretoria e seu conselho se reuniram para decidir sobre tradução de trabalhos estrangeiros e de livros especializados, que traziam informações sobre deficiência mental e integração dos portadores de deficiência. Naquela ocasião, ainda não havia nenhuma organização escolas nas APAES, que reproduzisse o que estava sendo feito na Europa, Estados Unidos ou Canadá. (Educação Física, Desporto e Lazer: Proposta Orientadora das Ações, p.15).

Em Santa Catarina, no ano de 1955 era criada a primeira APAE na cidade de Brusque, por iniciativa da comunidade em parceria com o poder público.

Na cidade de Tubarão, em 1964, pais, amigos de excepcionais iniciaram um movimento para fundar uma escola que atendesse as necessidades de pessoas com deficiência mental.

No dia 25 de julho de 1966 foi fundada a APAE de Tubarão, tendo como local uma casa situada na Rua Rui Barbosa, bairro Oficinas, atendendo 20 alunos. Ainda no primeiro ano foi montada a primeira diretoria, sendo eleito presidente seu fundador, Sr. José Manoel de Medeiros. Iniciou-se então a história da APAE de Tubarão, escola que recebeu o nome de Escola Especial Ciranda da Esperança.

No dia 16 de março de 1992, foi inaugurada a nova sede, na Rua Lauro Muller, onde funciona até hoje, atendendo 272 alunos com deficiência intelectual/múltipla. (Projeto Político Pedagógico: APAE Tubarão, 2001).

Tem como missão, participar na construção e alternativas do

conhecimento socialmente elaborado, tornando-se uma voz forte e vibrante na consolidação de um compromisso da nossa sociedade com o fim da exclusão e da conquista da plena cidadania.

Queremos uma sociedade mais justa, humana, fraterna e democrática, com homens críticos, politizados, de ampla visão de mundo, capazes de superar os preconceitos sociais, uma sociedade em que todos usufruam dos direitos e deveres presentes na constituição brasileira. (Projeto Político Pedagógico: APAE Tubarão, 2001).

A Escola Especial Ciranda da Esperança tem por filosofia de que a educação existe em função do homem, e não para eliminá-lo, formando um indivíduo pleno, organizado, capaz de participar dos avanços com competência, sem perder a essência do ser. Fazendo com que seja capaz de ser agente transformador da realidade, alguém que reflita que crie uma sociedade justa e igualitária.

(Projeto Político Pedagógico: APAE Tubarão, 2001).

Nesta perspectiva, a reflexão recairá sobre as seguintes questões: Que tipo de sociedade que queremos construir? Que homem pretendemos formar? Que finalidade queremos para a escola? Quem é nosso educando? Qual é o papel do professor? Que Escola temos? Que escola queremos?

Essas reflexões nos levam à teoria interacionista sócio histórica (Vygotsky 1984), para fundamentar aspectos psicológicos da aprendizagem, sendo que a atuação ao professor será numa perspectiva dialética.

Os episódios disciplinares deverão ser trabalhados de forma interativa e participativa.

Com relação a avaliação, ela deve oportunizar uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar os avanços, as resistências e as dificuldades, possibilitando uma tomada de decisão com vistas à superação dos obstáculos.

Visão do homem como ser histórico que se realiza no mundo, com possibilidades de aprender durante toda sua experiência, apropriando-se das características próprias dessa sociedade, no que tange a todos os aspectos humanos, tanto na dimensão biológica como na dimensão psicológica, com direito, à apropriação do conhecimento e dos bens culturais produzidos pelo homem, à construção da identidade pessoal, ao desenvolvimento físico, emocional, intelectual e social.

Cumprir as funções básicas da escola como um dos objetivos, ensejando

apropriação e produção de conhecimentos, com vistas à inclusão do aluno na rede regular de ensino, no mundo do trabalho em sociedade. Proporcionando-lhes uma melhor qualidade de vida.

Tem no seu corpo docente, uma diretora pedagógica, três coordenadoras pedagógicas e cinquenta e um professores, sendo três desses professores de arte, com vagas de 20 e 40 horas semanais. Com a função de atuar no processo ensino-aprendizagem, buscando interagir com as experiências vivenciadas pelo educando, tendo em vista a apropriação, construção e transformação do conhecimento, no compromisso assumido com o conjunto da escola, através da participação em ações coletivamente planejadas e avaliadas, levando em conta a concepção de aprendizagem considerando a diversidade do indivíduo.

Na APAE de Tubarão dos cinquenta e um professores que compõem seu corpo docente, três profissionais atuam em arte, sendo uma habilitada e duas cursando. E tem como função, registrar avaliação em pastas, fazer horários para o atendimento de arte, planejar e ministrar suas aulas, participar de reuniões de pais e conselhos de classe. Participação em eventos cursos, seminários, congressos, palestra, festas, passeios e eventos artísticos, coordenar eventos artísticos previstos ou não do calendário escolar. Acompanhar à projetos extra-cuiculares, plano anual de trabalho, relatórios de trabalho, cumprir o calendário escolar, conforme determinações da escola e da GERED. Zelar pela segurança da educando individual e coletivamente dentro do horário da escola, comprometer-se com o projeto político pedagógico da escola. Dar continuidade ao seu processo de formação profissional através da reflexão e da participação em congressos, seminários, curso de capacitação como docente e/ou discente, oportunizados pela direção. Desenvolver trabalho transdisciplinar com os diversos serviços da escola. Desenvolver estudos na área de arte, elaborar relatórios e plano anual de trabalho, participar da elaboração do projeto político pedagógico, participar da elaboração, execução acompanhamento e avaliação de projetos, planos, e programas.

2.1 RELAÇÕES APAE E INCLUSÃO: QUE HISTÓRIA É ESSA?

Durante muito tempo as pessoas com deficiência sofreram preconceitos e rejeição até pelos familiares e pessoas próximas. Os estudos na área da saúde e na área da educação, bem como campanhas desenvolvidas em várias partes do mundo

muito têm contribuído para amenizar toda essa problemática. No entanto muito ainda precisa ser feito.

Na Idade Antiga e até na idade média houve até sacrifício de crianças com deficiência, em algumas civilizações. Segundo Cardoso (2006, p. 59)

..., a história assinala, desde a Idade Antiga, as políticas extremas de exclusão de crianças deficientes. Em Esparta, na antiga Grécia, essas crianças eram abandonadas nas montanhas, em Roma foram atiradas nos rios. Os registros históricos comprovam que vem de longo tempo à resistência à aceitação social das pessoas com deficiência e demonstram como as suas vidas eram ameaçadas. Na Idade Média a discriminação continuou. Ao longo da Idade Média, nos países europeus, os ditos deficientes eram associados à imagem do diabo e aos atos de feitiçaria, eram então perseguidos e mortos, pois faziam parte de uma mesma categoria: a dos excluídos. Então, deviam ser afastados do convívio social ou, mesmo, sacrificados.

No entanto, com o avanço dos estudos na área da saúde e da educação, nos últimos séculos, essas pessoas foram vistas com outros olhos. Hoje já podemos contar com a inclusão social das pessoas com deficiência enquanto direito

Foi justamente com o avanço dos estudos na área da saúde que surgiram as escolas especiais, onde muitos educadores desenvolveram estudos e buscaram formas de inclusão social das pessoas com deficiência. Muitas Associações e ONGs desempenharam um papel importantíssimo no acolhimento e inclusão social de pessoas com deficiência e suas famílias, como por exemplo, a Associação de pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), as Associações de Cegos, Associações de Surdos, Associação das Mães dos Autistas (AMA), dentre outras.

No final do século XX inicia-se no mundo todo campanhas pela inclusão escolar das pessoas com deficiência. Foi justamente nesse período que houve uma expansão da educação especial no Brasil, mas a escola comum não deu conta dessa tarefa.

No Brasil, a expansão da educação especial, verificada principalmente na segunda metade do século XX, embora inegavelmente tenha ampliado as oportunidades educacionais a criança que não seriam absorvidas pela rede regulares de ensino, incorporou uma população identificada como portadora de déficit na aprendizagem, na sua grande maioria proveniente das classes subalternas. Assim, tal expansão se constitui em mais um elemento no processo de seletividade social promovido pela escola pública no Brasil. A partir da década de 60, a exclusão maciça de alunos nas redes públicas já nas séries iniciais, seja pela evasão ou pela ou pela reprovação, ou ainda pela falta de oportunidade de acesso, encontrava mais do que nunca respaldo técnico - científico, pois aqueles alunos que fracassavam na escola eram vistos como portadores de algum tipo de problema que não competia

mais à escola comum resolver (CARNEIRO, 2006, p.150).

Paralelo a tudo isso as instituições específicas de educação especial continuaram desempenhando seu papel de inclusão social. Após tudo isso surge leis e documentos recomendando a inclusão escolar de pessoas com necessidades educacionais especiais.

No Brasil, por exemplo, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, dedica um capítulo à Educação Especial. É interessante lembrar que em nenhum momento esta lei diz ser obrigatório matricular pessoas com deficiência em escola regular. Veja o que diz o artigo 58 e seus parágrafos 1º e 2º:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para efeito desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.
§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.
§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

Diante do exposto, podemos afirmar que tanto a inclusão escolar como a inclusão social é necessária e uma leva à outra ou ambas estão interligadas, mas para isso tornasse urgente a preparação não só das escolas (questão arquitetônica), mas de toda a comunidade escolar, desde o agente de portaria, passando pelo professor, gestores e demais alunos e pais de alunos.

Muitas vezes as pessoas discriminam e sem perceber que estão discriminando, às vezes o fazem pensando que estão protegendo a pessoa. Assim a discriminação vai se propagando cada vez mais em relação às pessoas com deficiência. A discriminação contribui para modificar a própria conduta, os hábitos aprendidos, o nível de rendimento e a qualidade da execução em diferentes áreas, tanto escolar como na vida diária.

Por isso é necessário incluir a deficiência intelectual nas seções das necessidades educativas especiais de caráter permanente, ainda que o desafio do professor consista em tratar de mudar para melhor sua capacidade de aprendizagem e sua forma de agir no meio social.

O processo de inclusão é um processo lento e precisa de apoio e de

peças preparadas para que realmente se efetive. Os centros de habilitação ou de apoio precisam de equipamento e de pessoal capacitado.

3 O ENSINO DA ARTE COMO PROPOSTA DE INCLUSÃO

O ensino da arte contribui no desenvolvimento geral do aluno, pois, além de estimular o desenvolvimento da linguagem como uma linguagem que quer dizer algo. E o papel do professor de arte deve ser o de encorajar, desafiar, confrontar e dar suporte ao aluno na execução das tarefas propostas com o intuito de enriquecer nas suas próprias experiências, oportunizando a maior diversificação possível de materiais, suportes, técnicas e situações-desafio, objetivando o seu crescimento. Quando é oferecido ao aluno sempre os mesmos materiais, as mesmas manipulações, não gerar um ambiente estimulante que permita a exploração de novas soluções, dificulta o desenvolvimento da criatividade, não revelando o verdadeiro potencial do educando.

Ao criar situações desafiadoras, principalmente, quanto ao uso de materiais e suportes novos que propiciem não só um maior conhecimento prático, mas que permita a utilização e manipulação de várias linguagens artísticas o professor de artes contribui para a descoberta de novas possibilidades de expressão. Encontro nos Parâmetros Curriculares Nacionais um dizer que contribui para esse acreditar, uma vez que:

O professor é propiciador de um clima de trabalho em que a curiosidade, o constante desafio perceptivo, a qualidade lúdica e alegria estejam presentes junto com a paciência, a atenção e o esforço necessários para a continuidade do processo de criação artística. (BRASIL, 1997, P.111)

Um dos objetivos do ensino de arte é levar o aluno a interessar-se pela sua própria produção, pela de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais ou internacionais) com as quais entrem em contato, ampliando seu conhecimento de mundo e da cultura. Fazer com que o aluno produza trabalhos

de arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação. Ainda nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e de percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido a experiência, humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas deferentes culturas. (BRASIL, 1997, p. 19)

A partir daí, do desenvolvimento desses objetivos, permite-se uma ação pedagógica eficiente para o ensino da arte que deve constar de um fazer artístico que permita: a criação de desenhos, pinturas, colagens, modelagens a partir do próprio repertório do aluno e da utilização dos elementos da linguagem das artes visuais: ponto, linha, forma, cor, volume, espaço, texturas etc.; exploração e utilização de alguns procedimentos necessários para desenhar, pintar, modelar etc.; exploração dos espaços bidimensionais e tridimensionais na realização de seus projetos artísticos; valorização de suas próprias produções e da produção de arte em geral.

Para tanto, torna-se necessário, oportunizar ao educando a exploração e manipulação de materiais, como lápis e pincéis de diferentes texturas e espessuras, brochas, carimbos etc.; de meios, como tintas diversificadas, água, areia, terra, argila etc.; e de variados suportes gráficos, como jornal, papel, papelão, parede, chão, caixas, madeiras, telas próprias para pintura, compradas prontas ou fabricadas artesanalmente pelos próprios alunos sobre orientação do professor.

Todas as áreas do conhecimento são importantes na formação humana e a arte, segundo Barbosa (1990, p.24), "... um rio cujas águas profundas irrigam a humanidade com m saber outro que não estritamente o intelectual e que diz respeito à autoridade de cada ser". Ainda, segundo a autora, "uma sociedade só é desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de qualidade há uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público" (1990, p.26).

Muitas são as criações artísticas construídas ao longo dos anos e essas criações revelam a história sócio-cultural da humanidade, além de expressar, refletir e interpretar a realidade através do trabalho criativo do homem, que expõe diversas visões do mundo. Sendo assim nos Parâmetros Curriculares Nacionais diz:

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura a riqueza e a diversidade da imaginação humana. (BRASIL, 1997, P.19)

Ao longo do tempo, foram construídas diversas interpretações sobre a função social da arte, dentre elas, a arte como mercadoria, a arte como forma de conhecimento e a arte como criação. Na arte como mercadoria há certo vínculo de interesse específico de diferentes grupos sociais; na arte como conhecimento, percebe-se a apropriação da realidade propriamente dita representando a interpretação da realidade; a arte como criação busca resgatar a relação entre o artista e o criador e sua obra de arte.

A criação artística é uma exigência da necessidade humana de perceber e entender a representação da realidade humano-social, de expressar os objetivos significativos e valores coletivos. Neste sentido, entende-se a arte como um dos meios de o indivíduo retomar ao coletivo, onde o homem exprime experiências daquilo que seu tempo histórico e suas condições sociais permitem, é fundamental. É através da arte que o sujeito torna-se consciente da sua existência social e, nesta direção, justifica-se o ensino da arte nas escolas. Mas, ela não pode ser vista como uma disciplina isolada das demais atividades, uma vez que é fundamental para a constituição plena do sujeito sócio-histórico. A partir desta visão se percebe que a disciplina de arte passa a ser entendida como uma área de conhecimento que forma a criação e humanização do sujeito. Assim encontro nos PCNs um dizer que

“O ensino de arte é área de conhecimento com conteúdos específicos e deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares, requerendo, portanto, capacitação dos professores para orientar a formação do aluno.” (BRASIL, 1997, P. 51).

Nessa perspectiva, a função da arte como forma de conhecimento e criação artística torna-se determinante na construção e formação do sujeito na sociedade, tornando-o capaz de desenvolver toda a plenitude do seu ser.

3.1 POR QUE ENSINAR ARTE?

Muitas pessoas acham que aula de Arte é desenhar e pintar, porém é

muito importante saber que Arte não é apenas desenhar e pintar ou simplesmente pensar que é uma aula de desenho, pintura, há muitos outros fatores que fazem com que esta disciplina, seja muito importante. Através do ensino de artes o ser humano, pode passar conhecer um pouco da sua arte, dos processos criativos de cada uma das linguagens artísticas, o surgimento de novas formas de realizá-la, sempre se aprimorando no decorrer dos anos.

Ninguém pode conhecer a cultura de um agrupamento humano ou de um país sem conhecer sua história e sua Arte. É, portanto, em primeira instância, uma razão cultural que nos leva a estudar Arte.

O ensino de artes, além de integrar pessoas, faz com que elas tenham outra forma de se expressar, podendo através dela demonstrar aquilo que sente ou pensa, além de fazer com que a pessoa tenha uma análise crítica daquilo que vê, ouve, assiste ou faz, tendo uma base para poder construir uma ideia ou projeto. Por isso, o ensino de Arte deve ser diversificado, não sendo voltado apenas para Desenho, mas, também, para outras linguagens artísticas como a dança, a música e o teatro, que muito enriquecem a formação dos alunos. Dá para imaginar uma vida sem de arte? Sem música, sem cinema, sem um bom quadro para apreciar? Não. Por que recebemos como a mais remota herança de nossa presença na Terra as inscrições nas cavernas de Lascaux como sendo os primeiros registros – e as primeiras manifestações artísticas.

Para Bertold Brecht (2010, p.22),

Da mesma forma como é verdade que em todo homem existe um artista, que o homem é o mais artista entre todos os animais, também é certo que esta inclinação pode ser desenvolvida ou perecer. Subjaz à arte um saber que é saber conquistado através do trabalho.

Este trabalho, que constrói os saberes da arte formalizados, é o que se convencionou chamar de ensino da arte. Ele ocorre na escola de maneira formal e seriada, ou não formal nos museus e centros culturais. O certo é que a percepção e a decodificação das linguagens artísticas – sobretudo as contemporâneas – requerem um aprendizado contínuo e sistemático.

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos a sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida. (BRASIL, 1997, P. 21)

A educação é uma das ações que definem nossa humanidade: o ser humano transcende seu status animal, pois, vai além dos instintos: compreende, reelabora, reflete, cria e recria, critica, aprende, ensina. A busca do homem através da história é sempre uma busca de compreender e transformar a realidade.

A arte é cultura. É fruto de sujeitos que expressam sua visão de mundo, visão esta que está atrelada a concepções, princípios, espaços, tempos, vivências. O contato com a arte de diversos períodos históricos e de outros lugares e regiões amplia a visão de mundo, enriquece o repertório estético, favorece a criação de vínculos com realidades diversas e assim propicia uma cultura de tolerância, de valorização da diversidade, de respeito mútuo, podendo contribuir para uma cultura de paz. “Desde o início da história a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais.” (BRASIL, 1997, P.21).

O conhecimento da arte produzida em sua própria cultura permite ao sujeito conhecer-se a si mesmo, percebendo-se como ser histórico que mantém conexões com o passado, que é capaz de intervir modificando o futuro, que toma consciência de suas concepções e idéias, podendo escolher criticamente seus princípios, superar preconceitos e agir socialmente para transformar a sociedade da qual faz parte.

Além das já referidas justificativas ontológicas e culturais para a importância da arte na educação, cabe falar da dimensão simbólica da arte, de seu poder expressivo de representar idéias através de linguagens particulares, como a literatura, a dança, a música, o teatro, a arquitetura, a fotografia, o desenho, a pintura, entre outras formas expressivas que a arte assume em nosso dia-a-dia.

Outro argumento em defesa da arte na educação passa pela sua importância ao desenvolvimento cognitivo dos aprendizes, pois o conhecimento em arte amplia as possibilidades de compreensão do mundo e colabora para um melhor entendimento dos conteúdos relacionados a outras áreas do conhecimento, tais como matemática, línguas, história e geografia. Um exemplo mais evidente é a melhor compreensão da história, de seus determinantes e desdobramentos através do conhecimento da história da arte e das ideias sobre as quais os movimentos artísticos se desenvolveram.

O aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando

estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para revolver um problema matemático. (BRASIL, 1997, P. 19)

Não existe dicotomia entre arte e ciência, entre pensar e sentir, entre criar e sistematizar, e a fragmentação do conhecimento é uma falácia que tem estado presente na educação, devendo ser superada, pois o ser humano é íntegro e total.

Diante de tal importância que a arte assume na educação, pode-se fazer uma revisão crítica do que a escola tem alcançado em termos de ensino da arte e percebemos A arte é, sim, fundamental para desenvolver qualidades, emoções, percepções.

Depois de muito pesquisar sobre a importância de estudar artes vem a seguinte pergunta: a arte se aprende?

A questão surgiu do pressuposto de que a nossa vida é um aprendizado constante e tudo que somos foi e continua sendo aprendido. As predisposições genéticas existem, mas podem ser inibidas ou desenvolvidas pela vida que se vive e ainda podemos assimilar tudo que é humano. Tenho dúvida acerca de nosso poder de ensinar, mas nenhuma sobre nosso poder de aprender. Quanto mais leio mais duvido, porém me sinto confortável duvidando. Era muito mais insegura quando acreditava em uma ou outra teoria e a defendia acerbamente. O importante é verbalizar, ordenar as dúvidas.

Diante disso, outra pergunta surgiu: A arte se ensina?

Neste caso posso dizer que a arte não se ensina tanto, ela nos dá suporte para que, de uma forma ou outra, possamos nós como professores e educadores, passemos para nossos alunos toda a informação possível dentro das quatro linguagens da arte. Temos o dever como mediadores de facilitar e proporcionar melhor conhecimento dentro da nossa disciplina e, além disso, temos a obrigação e o dever de estarmos atualizados nos acontecimentos e a crescente mudança que vem ocorrendo na arte contemporânea. A arte, na verdade, é uma subsequência de uma herança que é passada de geração a geração, onde prevalece a cultura da sociedade de determinadas regiões. Na verdade, o novo estilo de arte no mundo contemporâneo nos dá uma nova ma nova visão e perspectiva para um olhar aprimorado das linguagens da arte e a forma como ela é ensinada hoje.

3.2 O ENSINO DA ARTE NO BRASIL

Em 1816, D. João VI trouxe a Missão Francesa com o intuito de formar uma Escola de Arte, que teve os seus trabalhos iniciados dez anos mais tarde, mas devido ao custo elevado, eram poucos que tinham a oportunidade de estudar Arte.

A partir da década de 1870, período de grandes transformações culturais, não só no Brasil, mas, também, nos EUA, o ensino de Arte foi voltado para a formação de desenhistas.

Entre 1890 e 1920 predominavam, aqui no Brasil, a cópia de quadros e o desenho geométrico. A partir de 1920, a Arte passa a ser incluída no currículo escolar como atividade integrativa, apoiando o aprendizado de outras disciplinas, porém, os exercícios de cópia são mantidos.

Em 1922, com a Semana de Arte Moderna, a Arte-Educação no Brasil teve um grande impulso, com as ideias de livre expressão, trazido por Mário de Andrade e Anita Malfatti que acreditavam que a Arte tinha como finalidade principal permitir que a criança expressasse seus sentimentos e também tinham a idéia de que ela não é ensinada, mas, expressada.

A partir dos anos 50, além de Desenho, passaram a fazer parte do currículo escolar as matérias: Música, Canto Orfeônico e Trabalhos Manuais, que mantinham de alguma forma o caráter e a metodologia do ensino artístico anterior. O ensino e a aprendizagem estavam concentrados na transmissão de conteúdos a serem reproduzidos, não se preocupando com a realidade social e nem com as diferenças individuais dos alunos, ou seja, a chamada Pedagogia Tradicional.

O Brasil ainda passou nas décadas de 50, 60 e início da década de 70, pela fase da Pedagogia Nova, que tinha como ênfase a livre expressão e a espontaneidade e pela Pedagogia Tecnicista, onde o aluno e o professor tinham um papel secundário, tendo como elemento principal, o sistema técnico de organização. Neste período, nas aulas de Arte, os professores enfatizavam um saber construir reduzido dos aspectos técnicos e do uso diversificado de materiais, caracterizando pouco compromisso com o conhecimento da linguagem artística.

Em 1971, "iniciou-se" uma Pedagogia Libertadora, graças aos ideais do grande educador Paulo Freire, que era voltada para uma perspectiva de consciência crítica da sociedade. A Arte foi incluída no currículo escolar, desde 1971, com o nome de Educação Artística.

Por não ser considerada uma disciplina, a Educação Artística não tinha o "poder" de reprovar nenhum aluno e fazia com que os mesmos não tivessem interesse pela mesma, fazendo com que ela fosse vista como aulinha de desenho e o professor visto como organizador de festas e eventos na escola.

A partir dos anos 80, passa-se a discutir novas propostas educacionais, as quais segundo Barbosa (1994, p. 75),

O ensino da Arte deve seguir o que ela chama de Metodologia Triangular que é composta pela História da Arte, pela leitura da obra de arte e pelo fazer artístico, ou seja, a pessoa que aprende Arte deve saber, não apenas fazer algo, mas, também saber de onde veio aquilo que ela está fazendo, o que levou aquelas pessoas a fazerem aquela obra, para assim, fazerem à leitura da obra, podendo perceber a mensagem o que o artista quis passar através da sua obra. Além disso, ao criarem suas obras artísticas, poderão criar algo que transmita uma mensagem, dando sentido à Arte. Isso não significa que a técnica deva ser deixada de lado, é importante que o aprendiz venha a conhecê-las para aprimorar cada dia mais o seu trabalho, mas, a técnica sozinha, não dá sentido à obra.

Ao longo da década de 80 aconteceram muitas discussões a respeito do ensino da Arte, promovidas por profissionais da área preocupados com a qualidade do trabalho desenvolvido com os alunos da educação básica, assim como a importância da Arte na sua formação.

Segundo Ferraz (et al,1993).

Nas aulas de Arte deve ser trabalhado o mundo do educando, propiciando-lhes contato com as obras de arte, desenvolvendo atividades onde o mesmo possa experimentar novas situações, podendo compreender e assimilar mais facilmente o mundo cultural e estético e que compete ao professor um contínuo trabalho de verificação e acompanhamento em seus processos de elaborar, assimilar e expressar os novos conhecimentos de arte e de educação escolar dos aprendizes em Arte, ao longo do curso, e que a avaliação deve estar centrada em todo o processo de ensino-aprendizagem.

Atualmente o ensino de Arte ainda está voltado para as linguagens de Música, Dança Teatro (Artes Cênicas) e Artes Visuais. Em 2008, com a aprovação da Lei Federal nº. 11.769, o ensino de música passou a ser obrigatório, devendo ser ministrado por professor com licenciatura plena em Música, tendo os sistemas de ensino, três anos para se adequarem às mudanças.

Embora haja divergências sobre as metodologias utilizadas para o ensino da Arte, no Brasil, um passo importante na busca de um piso comum foi quando o

MEC publicou e distribuiu, em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para todas as disciplinas escolares. Mais recentemente este esforço vem sendo apropriado por estados e municípios que desenvolvem seus próprios Referenciais Curriculares com base na LDB e nos PCNs.

Se houve época no Brasil em que a Arte não encontrava espaço no currículo escolar, hoje é disciplina obrigatória a partir da 5ª série do Ensino Fundamental, deve ser ministrada por professor com formação universitária específica, informado pelos PCNs que se apóiam em três vértices: a leitura da obra de arte, sua contextualização no tempo e no espaço e o fazer artístico.

Entende-se que é impossível ensinar arte sem arte, sem a apreciação da boa arte – mesmo sabendo o quão elástico o conceito da “boa arte” pode ser. O que já não se aceita é que a “arte adulta” possa conspurcar a ingenuidade e a criatividade da criança que deveria ser levada a criar livremente

3.3 ENSINO DE MÚSICA

Atualmente, a música está presente no dia-a-dia de todas as pessoas . E o que vem ser a música? Segundo MED (1996, p. 11), "Música é a arte de combinar os sons simultânea e sucessivamente, com ordem, equilíbrio e proporção dentro do tempo." Com isso, podemos ter uma boa idéia do que vem a ser música, falando sobre suas principais partes, sem, porém, citar os seus nomes:

- **harmonia** (sons simultâneos, ou seja, aqueles que são tocados ao mesmo tempo);
- **melodia** (sons sucessivos, ou seja, aqueles que são tocados um após o outro);
- **ritmo** (o andamento, velocidade da música).
- O objetivo do ensino de música, não é de se formar músicos, mas sim de formar bons ouvintes, que tenham noções daquilo que forma a música (harmonia, melodia e ritmo).

A música sempre esteve muito ligada à poesia, antes enquanto era executada, eram recitadas poesias, com o tempo elas passaram a se unir, sendo a música a parte instrumental/vocal e a poesia, a letra da música em si.

Agora, por que estudar música? Segundo Schaffer (1991, p.92),

O ensino da música ajuda a criança na coordenação do ritmo do corpo, como o andar, caminhar, correr, saltitar, balançar, podendo sincronizar-se com as ondas do mar; galopes de cavalos e outros ritmos da natureza.

O trabalho com o canto envolve a voz, que por sua vez cuida da respiração. Ao se produzir sons com objetos, inventando uma linguagem própria, dirigindo a educação no rumo da experiência e da descoberta.

Uma atividade que pode integrar música e artes plásticas é a criação de instrumentos.

3.4 O ENSINO DE DANÇA

Dançar é se expressar através de movimentos coordenados e segundo Portinari (1989, p. 93),

A dança é a representação de aspectos culturais humanos, tendo sua essência no estudo e na prática da qualidade do movimento. Além do movimento, há mais duas características, consideradas principais na dança: o corpo e o espaço.

Somente muito tempo depois, a dança passou a ser considerada como uma expressão artística, deixando o espaço público e ganhando novos espaços e prestígio, enquanto forma de arte, acontecendo nos mais variados ambientes sociais. Surgem então, os bales, as companhias de dança e os profissionais da dança, inclusive aquele profissional que se torna o responsável pela montagem do espetáculo, o coreógrafo.

A dança além de relaxar, faz com que as pessoas possam se expressar através dos movimentos, utilizando o corpo e o espaço. A dança só passou a ter presença na educação brasileira a partir de 1997, ganhando reconhecimento nacional como forma de conhecimento a ser trabalhado na escola.

Assim como nas outras linguagens artísticas, para se aprender a dançar, é necessário muito treino e dedicação, além de se colocar sentido naquilo que está fazendo. Não podemos esquecer que ela é uma manifestação artística e que é importante conhecer os seus fundamentos e a sua evolução histórica, para que os estudantes possam com o tempo, entender a mensagem que ela transmite nas suas

mais variadas formas de apresentação.

Marques (2003, p. 102) “diz que uma postura crítica em relação ao ensino de dança, engloba conteúdos bem mais amplos e complexos do que uma coreografia de carnaval ou a reprodução de uma dança popular”.

Infelizmente, ainda há muito preconceito em se aprender dança, uma vez que os homens a acham como algo estritamente feminino, coisa que não é verdade, tanto que ela por um bom tempo, como citado acima, foi privilégio somente do sexo masculino.

A dança é uma arte, além de proporcionar ao aluno novas formas de se pensar sobre algo, transmitindo mensagens através dela. A dança por muito tempo esteve ligada a outras linguagens artísticas, como a música, mas hoje ela pode ser considerada independente, pois é possível realizá-la separadamente da música ou de outra linguagem. Porém, é válido ressaltar que é muito importante que as linguagens artísticas estejam interligadas.

Para Marques (2003, p.107).

A barreira estabelecida pela idéia que conversar não é dança, deve ser quebrada, conversar em si, realmente não é dança, mas é possível estabelecer em sala de aula, através dela, um espaço para discussões que levem a um processo de reflexão, pesquisa, comparação e desconstrução da dança, sendo possível desenvolver o espírito crítico e criar as condições necessárias para a prática da dança na escola.

É importante que as aulas de dança sejam um espaço para que os educandos criem movimentos para representar situações do dia-a-dia ou até mesmo fazer uma releitura de algum outro elemento presente em outra linguagem artística, além disso, é importante estar atento à inclusão, mostrando ao portador de necessidade especial que ele também é capaz de representar algo através da dança, junto a isso, é importante saber o processo de criação em dança e como estar intervindo na sociedade através dela, mostrando outras formas de se entender e viver a dança, diferentes das formas como são difundidas pela mídia, podendo assim, mostrar o quão importante é esta linguagem arte chamada dança.

3.5 O ENSINO DE TEATRO

Quem nunca imitou alguém nesta vida? Ou procurou viver situações

irreais numa inocente brincadeira? Quem nunca virou cambalhota ou estrelinha, ou ainda, tentou fazer malabarismo ou mágica? Pois bem, acredito que todos, pelo menos um dia na vida já foram atores, ou seja, já representaram algo.

Segundo Berthold (2000, p.25),

Há várias fontes que podemos considerar para o surgimento do teatro, como por exemplo, as danças e os costumes populares, ela diz que o teatro primitivo tem como base os impulsos vitais, os costumes dos povos, a religiosidade, etc.

A arte de se representar consiste em viver a vida de outra pessoa (personagem), coisa que fazemos desde criança, sem percebermos.

O ensino de teatro, assim como o de qualquer outra linguagem, não deve ser voltado para a formação de grandes atores, mas, para desenvolver a concentração dos estudantes, ajudá-los a trabalhar em equipe e também a se desinibirem com a presença do público. Além disso, é importante saber a estrutura de uma peça teatral, para saber analisar o que se passa em uma que venha assistir.

Segundo Desgranges (2003, p.52),

O teatro deve funcionar como instrumento de denúncia, revelando bastidores da cena da vida, dando condições para que o telespectador perceba, negue ou modifique a sua conduta. Isso nos leva ao papel de fazer com que algo seja modificado através da arte.

Como citado acima, o objetivo do teatro na escola, não é de se formar atores, o teatro na educação básica, é trabalhado principalmente com jogos envolvendo a dramatização de situações cotidianas, que acaba ajudando o estudante nas outras disciplinas e também, no seu dia-a-dia fora do ambiente escolar,

Segundo Japiassu (2001, p. 15),

a avaliação em teatro deve ir além das avaliações coletivas e auto-avaliações, verificando também questões que tenham surgido no processo de trabalho, bem como os conceitos adquiridos pelos alunos. Além disso, o professor não deve se preocupar em manter um plano de aulas rígido, pois poderão ocorrer imprevistos.

Além do Teatro, devem ser trabalhadas atividades voltadas para o circo e o cinema, falando sobre a forma em que as atrações são produzidas, bem como o

seu processo histórico, além do rádio e da TV.

4 O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Aos educadores que trabalham ou pretendem trabalhar com a disciplina de artes na educação especial torna-se importante, segundo FREITAS (2008, p.43), “[...] pensar a diferença de um campo político, em que experiências culturais, comunitárias e práticas sociais são colocadas como integrantes da produção dessas diferenças”. Significa considerar que as diferenças são produzidas nos espaços de convívio, nas formas como nos relacionamos com os outros e nas experiências que temos.

Nesse sentido, reflexões sobre como o corpo vem sendo trabalhado pelos artistas na contemporaneidade e que possíveis entrecruzamentos podem acontecer no campo da educação especial, apresentaram-se como potencialidades na proposição de um espaço no qual possamos experimentar olhar as coisas de outras formas e possibilidades.

Muitas mudanças são vivenciadas na educação, fazendo com que o professor reflita a cerca do papel de suscitar o desejo de aprender em indivíduos que vivem em um mundo que sofre constantes transformações, ainda mais quando temos a intenção de estabelecer um diálogo mediado pela atuação docente em sala de aula com o que acontece fora da escola, com as mudanças na organização dos saberes e nas representações simbólicas dos sujeitos. De acordo com Oliveira (2009, p.86),

Mudaram os interesses que a sociedade tem na educação, mudou o cânone da cultura reconhecida como relevante, as formas de expressão cultural e a produção de artefatos culturais para consumo. Na arte contemporânea, por exemplo, as misturas, os hibridismos que ocorrem não permitem grandes distinções entre culto, popular, arte, artesanato, tecnologia, manual, individual e coletivo. Aliás, essas diferenciações não se fazem importantes nas discussões presentes na produção contemporânea, o que nos interessa são as maneiras, as estratégias que produzimos para mediar essas relações.

Assim, hoje se faz necessário que os educadores possam entender a

cultura como instrumento de criação das capacidades de compreensão, de sentir, de construir com autonomia e respeito pelos demais. A educação, nesse sentido, é compreendida como potencialidade de invenção de modos de ser, pensar e agir.

Neste sentido, a arte enquanto algo que afeta, propõe discussões sobre a cultura e a sociedade, incita reflexões sobre diferentes possibilidades de se pensar a educação, revendo (pré) conceitos e a própria formação docente, discutindo a histórica da sociedade, assim como (pré) conceitos e visões de mundo.

No decorrer da pesquisa com os professores da APAE de Tubarão, vivenciamos a experiência das práticas do ver na educação das artes visuais, a partir do que nos fala Larrosa Bondía (2002, p. 69), “[...] é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma.” A experiência, neste sentido, deve ser separada da informação, pois aprender não é apenas adquirir e processar elementos, mas sentir-se tocado por aquilo que vivenciamos. Para isso, faz-se necessário o respeito ao tempo. Tempo para refletir, para dialogar, para experimentar, pois, segundo Bondía (2002, p.30),

[...] a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar: parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Percebe-se que um dos grandes obstáculos para os professores se aproximarem da arte contemporânea, é o fato de ela ter tornado-se parecida demais com a vida. As situações cotidianas são muito exploradas como potencial artístico, o que acaba por nos confundir, em muitos momentos, já que a arte contemporânea não se preocupa em proteger o campo da arte das infiltrações de elementos de outros campos do conhecimento, como fez a arte moderna, pelo contrário,

[...] esparramou-se para além do campo especializado construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte (COCCHIARALE, 2006, p. 6).

As artes visuais, nesse sentido, provocam a pensar a educação de um ponto de vista em que não existem certezas nem purezas, muito, especialmente a arte contemporânea, pois ela nos convida para um jogo em que as regras não são lineares, mas desdobradas em organizações de relações possíveis ou não de serem estabelecidas.

É preciso não perder de vista que o papel primeiro da escola é formar seus alunos para o exercício pleno da cidadania, na relação responsável e ética com o seu contexto social e seu tempo histórico, respeitadas a sua subjetividade, individualidade e marcas pessoais.

O conceito de cidadania está vinculado à ideia de pertencimento a um estado ou nação, o que significa que não existimos de modo isolado, mas participantes de um complexo de correlações que supõem direitos e deveres sociais, compromisso com o projeto de sociedade, consciência de nossa condição como membros de um coletivo.

Estreitamente ligado ao conceito de cidadania está o de alteridade, que consiste no princípio do reconhecimento do outro, desde si, e em sua constituição de ser humano/pessoa. Ou seja, pressupõe o respeito ao outro que, a despeito de possíveis diferenças, permaneça reconhecível em sua natureza própria, humana, tendo assegurada a sua condição de cidadania.

O trabalho de artes, tanto nas escolas da rede regular de ensino como nas escolas especiais, precisa estar articulado de conceituações teóricas sobre a própria arte e também sobre o ensino, no que se refere ao processo de desenvolvimento que envolve as características intelectuais da pessoa com necessidades educativas especiais. Neste caso, a arte é vista para além de simplesmente assumir um papel de atividade prazerosa, infantilizada e muitas vezes confundida por ser inclusiva somente expondo o sujeito a certos tipos de atividades que todos realizam. Verifica-se, que mesmo existindo diferentes influências teóricas e tendências pedagógicas na educação, ainda há correntes que acreditam que toda manifestação e produção artística são consequência do espontâneo, do sentimento, emoção, fazendo parte de cada um e colocando arte como mero instrumento de externalização.

O professor de artes deve pesquisar estudar e exercitar sua expressão artística, pois só assim poderá estar selecionando propostas significativas para seus alunos, deixando de propor exercícios de repetição mecânica com modelos prontos

caracterizados pela pedagogia tradicional.

O conceito de arte deve ser ampliado e sua atuação preocupada com questões que envolvem a expressão pessoal de valores, sentimentos, relações, cognição e significações, visto que envolvem subjetividade. Ela vai ser um veículo para a interação dos alunos edificando uma relação de autoconfiança, com propostas pedagógicas e de produção. Não pode ficar somente do âmbito do fazer, sendo que a arte tem conceitos a serem aprendidos e utilizados por qualquer ser humano, os tornando mais sensíveis e criativos.

Ao expressar-se por meio da Arte, o aluno manifesta seus desejos, expressa seu sentimento expõe enfim sua personalidade. Livre de julgamentos, seu subconsciente encontra o espaço para se conhecer, relacionar, crescer dentro de um contexto que o antecede e norteia sua conduta. (BUORO, 1996, p. 33)

No entanto, a arte deve considerar a pessoa com necessidades educativas especiais enquanto humano histórico, social, cultural e também simbólico. O aluno com necessidades educativas especiais aprende, mas é necessário que o professor saiba o que propor e em que situações devem elaborar as atividades, dentro de suas especificidades, habilidades e possibilidades.

A educação em arte tem uma história, que a deixa sendo considerada também como lazer e diversão, ficando muitas vezes distanciada das conceituações teóricas e metodológicas.

Segundo Dutra (2005, p.19), em entrevista a Revista Inclusão, “A formação de professores é elemento central para elevar a qualidade da educação brasileira, na perspectiva da implementação da política da educação inclusiva”.

A Proposta Curricular de Santa Catarina fala sobre o domínio do professor com as várias linguagens artísticas, que é raro, pois a formação do professor ocorre em áreas específicas para cada linguagem artística, assim a Proposta Curricular Santa Catarina afirma:

Se a realidade educacional atual não permite a prática interdisciplinar em arte, é mais coerente que o professor concentre o seu campo de conteúdos a partir da área de formação, apenas transitando de forma cuidadosa e segura nas outras linguagens artísticas, para não fazer de suas aulas meras tentativas superficiais, sem um aprofundamento consistente. (1998, p. 192),

Segundo a Federação Nacional das APAES (2001, p. 2) “A Arte e

Educação têm estado indiscutivelmente ligadas ao longo da História da humanidade, de muitas maneiras e segundo diferentes concepções, de acordo com o contexto sócio cultural”, possibilitando assim, a transformação do sujeito para interação na sociedade.

A educação é um fenômeno específico da espécie humana e nos permite distinguir entre o modo histórico e cultural de existir dos seres humanos do modo natural de existir dos outros seres vivos. Caracteriza-se como processo global por meio do qual os indivíduos, em interações contínuas e dialéticas com o mundo em que vivem, desenvolvem suas capacidades intelectuais, relacionais, motoras, afetivas, éticas, estéticas, religiosas, etc. Graças à educação, os indivíduos são transformados em sujeitos sociais que, em suas relações com o mundo, constroem história e cultura. (CARVALHO, 2008, p. 73)

4.1 A ARTE COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO

A arte como instrumento de inclusão social pode e deve ser vista como fator presente nas diversas formas de desenvolver aprendizagens ligadas a diferentes áreas do conhecimento. Essa questão é abordada claramente pela interdisciplinaridade, ou seja, o diálogo entre uma ou mais disciplinas com o intuito de solidificar a aprendizagem através de oportunidades e de diferentes maneiras de entender e contextualizar os conteúdos escolares. Nesse sentido, pretende-se aqui tentar elevar a manifestação artística dos educandos para bem aprimorar seus conceitos quanto às faces da aprendizagem.

Antes de se adentrar aos estudos e benefícios da arte para educação de pessoas com necessidades especiais, é de grande importância conhecer e interpretar a legislação no que tange este assunto, muitas vezes tão distante da realidade e tão carente de atenção e aplicabilidades.

A educação especial deve, de acordo com a LDB, nº. 9.394/96, art. 58, da educação nacional, ser entendida como “modalidade da educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais” e, com intuito de complementar o que já foi promovido na Lei, vê-se instituído as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, à promoção de uma

Proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam

necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica. (1994, p.90)

Consonante, desenvolver potencialidades em alunos com necessidades especiais requer, além de esforço e talento por parte do educador, compromisso político e ético, para bem educar é preciso compreender as necessidades específicas de cada aluno, e quando se trata de alunos especiais, é necessário que o educador se supere, buscando meios e mecanismos que atenda o perfil de cada necessidade.

A amplitude do ensino de artes na educação de pessoas com necessidades especiais, no sentido de ver, fazer e contextualizar pode referenciar-se por ser uma linguagem universal, não precisa ser traduzida. Basta sua aplicação no sentido de evoluir o homem que deseja espaço na sociedade para poder contribuir com seu talento e com seu potencial.

Os princípios aqui apresentados poderão nortear as ações voltadas para a Arte e a Inclusão, tanto no âmbito da Educação escolar quanto nos projetos e programas desenvolvidos fora do ambiente escolar. Esses princípios são o respeito às diferenças.

Cada pessoa é única, com características físicas, mentais, sensoriais, afetivas e cognitivas diferenciadas. Portanto, há necessidade de se respeitar e de se valorizar a diversidade e a singularidade de cada ser humano.

Segundo Martins (2002, p.49),

... postura inclusiva não é aquela que desconsidera as diferenças, ou faz de conta que todos somos iguais, mas, ao contrário, aquela que pressupõe que é a partir das diferenças que poderemos construir um universo mais rico de aprendizagem e de produção da vida sociocultural.

Além disso, a educação intercultural envolve o conhecimento de competências em vários aspectos culturais, com vistas a reconhecer a semelhança entre os grupos, em vez de evidenciar as diferenças, promovendo o diálogo.

No âmbito da educação escolar inclusiva esta fundamentação se faz necessária, lembrando que o princípio da inclusão requer uma mudança de postura do professor diante de seus alunos. Não cabe mais tratar uma turma de alunos diferentes com seus contextos próprios de vida, seus tempos de aprendizagens singulares como um grupo homogêneo, pois todos os estudos sobre a Interculturalidade (inter-relação e interação entre diversas culturas, por meio de

trocas e negociações), apontam para o entendimento de que todos os grupos humanos são essencialmente heterogêneos. Cai o "mito" da constituição de uma turma homogênea e surge o desafio de uma "práxis" pedagógica que respeite e considere as diferenças.

Segundo a Carta de Pirenópolis (1999, p. 10-11) as ações são:

Articular órgãos governamentais, organizações de defesa e de direito, órgãos não governamentais de e para pessoas com deficiência, e instituições de ensino superior, visando à implementação da prática de inclusão. [...] Dotar as unidades escolares de materiais, equipamentos e mobiliários adaptados. [...] Garantir a inclusão, no projeto político pedagógico, da Arte-Educação e da Atividade Motora, como dimensões curriculares.

A Educação Inclusiva é uma conquista indiscutível. No contexto da inclusão, o ensino da Arte apresenta possibilidades importantes na busca de caminhos efetivos para que todos os alunos, sobretudo aqueles com necessidades especiais, possam vivenciar expressões, contribuindo para a construção do conhecimento e o exercício pleno da cidadania, sem discriminações.

4.2 HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

As diferentes formas de pensar o ensino de Arte são consequência do momento histórico no qual se desenvolveram, com suas relações socioculturais, econômicas e políticas. Da mesma forma, o conceito de Arte implícito ao ensino é influenciado por essas relações. A discussão e reflexão a respeito da Arte podem ser identificadas nos documentos nacionais:

Desde o início da história da humanidade a Arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da Arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. No entanto, a área que trata da educação escolar em Artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias Artes do mundo (BRASIL, 1997, p. 21).

A Arte na Educação Especial teve importante marco, no Brasil, a partir

das idéias da educadora russa Helena Antipoff e do Movimento Escolinhas de Arte, que incluía, no ensino de arte, as pessoas com necessidades educacionais especiais. Nesse contexto, destaca-se, o trabalho da arte-educadora Noemia de Araújo Varela.

Vale ressaltar que no contexto da Educação para pessoas com necessidades educacionais especiais no país, a Arte está presente também nas APAES, Sociedades Pestalozzi e outras entidades congêneres e experiências pontuais na educação e na cultura do Brasil.

A Sociedade Pestalozzi (MG), pioneira no trabalho de Arte para e com pessoa com deficiência realizou experiências significativas, que serviram como referências multiplicadoras a outras instituições. Destaca-se a Fazenda do Rosário, também criada pela professora Helena Antipoff, como celeiro de importantes criações artísticas, desde 1942.

Nas APAES, a realização de um trabalho sistemático em Arte, respaldado em estudos, pesquisas e reflexões sobre a prática pedagógica, permitiram que o Estado de São Paulo tivesse um papel pioneiro na realização de Festivais de Arte-Educação, que culminaram com a criação da Coordenadoria de Arte na Federação.

Nacional das APAES e a realização de Festivais Nacionais, que tiveram início em 1995, com a realização do 1º Festival Nacional Nossa Arte, na cidade de Salvador/BA, por ocasião do XVII Congresso Nacional das APAES.

A Federação Nacional das APAES vem realizando, desde então, de dois em dois anos, o Festival Nacional Nossa Arte, de reconhecida qualidade artística e educacional.

A partir dos festivais foram criadas e sistematizadas as Coordenadorias Estaduais e Locais de Arte, realizados cursos de capacitação de professores e a publicação de materiais didáticos e pedagógicos na área, dentre os quais destaca-se o "Manual de Arte Educação: Uma Dinâmica para o Desenvolvimento".

Em 1989, ano da fundação do Programa Arte Sem Barreiras/Very Special Arts do Brasil, o Ministério da Educação por intermédio da Secretaria de Educação Especial patrocinou e organizou o seu Iº Encontro Nacional, momento em que foram criados os Comitês Estaduais dessa organização, com representações das diversas instituições que trabalham com pessoas que apresentam necessidades especiais.

A partir das mobilizações internacionais em favor da inclusão, e dos resultados obtidos nos vários projetos de Arte na Educação Especial já referidos, a

inclusão ocupou o papel central nos debates, congressos, festivais e outras iniciativas voltadas para Arte e Educação.

Em 1993, em Pernambuco, o Programa Arte Sem Barreiras estabeleceu parceria com a Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB). Essa parceria foi retomada em 1998, em São Paulo, no Congresso Latino-Americano. A partir de então, a FAEB passou a assessorar as ações de seus congressos e festivais e na fundamentação de conceitos.

O Programa Arte Sem Barreiras/Very Special Arts do Brasil passou a agregar a seus festivais de arte, congressos de Educação e Arte, com o objetivo de promover o debate e a difusão de conhecimentos e de experiências com as linguagens da arte na educação especial.

Nessa perspectiva o Programa vem incluindo também artistas que não tem deficiência em todas as suas programações de arte.

O primeiro congresso com esse novo formato foi realizado em 1994, na Universidade Federal de Juiz de Fora, iniciando uma parceria com departamentos de Educação e de Arte das Universidades, Secretarias de Educação Estaduais e Municipais, e entidades da sociedade civil que desenvolviam trabalhos com as linguagens da arte com e para pessoas com necessidades especiais.

Os festivais e congressos nacionais de Arte Sem Barreiras realizados em 1991 no Rio de Janeiro/RJ, em 1995 em Natal/RN, em 1996 em Curitiba/PR, em 1997 em Manaus/AM, em 1998, o Latino-Americano, em São Paulo/SP e em 2000 e 2002 o Congresso Internacional, respectivamente, em Brasília/DF e Belo Horizonte/MG foram fundamentais para aproximar profissionais da educação especial, arte-educadores e demais professores das questões da Arte realizadas por pessoas com necessidades especiais.

Em 1999, a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (SEESP/MEC) realizou o Encontro de Pirenópolis, reunindo dirigentes da Educação Especial e Ensino Fundamental, ONGs, representantes dos Comitês estaduais e municipais do Programa Arte Sem Barreiras/Very Special Arts do Brasil.

A participação inédita de especialistas na área de artes abriu novos horizontes para ações conjuntas do MEC com entidades não governamentais atuantes no campo da Arte, deixando como proposta, a Carta de Pirenópolis, que se segue:

“Nós”, Dirigentes de Educação Especial e de Ensino Fundamental de Organizações Governamentais e não - Governamentais, membros do Fórum das Instituições de Ensino Superior e UNDIME, reunidos no Encontro de Educação Especial: "Uma Escola de Qualidade para todos Respeita a Diversidade", em parceria com a UNESCO e o FUNDESCOLA, em Pirenópolis, no período de 14 a 18 de junho de 1999, considerando os princípios Universais dos Direitos Humanos; as análises e debates ocorridos neste Evento e as proposições e compromissos definidos pelos participantes, em nível Estadual, reafirmamos o princípio filosófico da "Educação para Todos", e priorizamos as seguintes ações:

- 1- Articular órgãos governamentais, organizações de defesa e de direito, órgãos não governamentais de e para pessoas com deficiência, e instituições de ensino superior, visando à implementação da prática de inclusão;
- 2- Acompanhar e orientar, de forma articulada, as ações dos municípios na política de educação especial;
- 3- Comprometer e responsabilizar todo o sistema educacional público e privado, na garantia do atendimento aos alunos com necessidades especiais a partir de uma política de inclusão social;
- 4- Dotar as unidades escolares de materiais, equipamentos e mobiliários adaptados;
- 5- Construir e manter indicadores confiáveis que permitam análise da qualidade e planejamento das ações relativas à política de inclusão;
- 6- Tornar públicas ações, informações e recursos como uma das dimensões de suporte às práticas da educação especial e ao exercício do direito do cidadão;
- 7- Garantir acessibilidade por meio da adequação dos espaços físicos nas unidades escolares onde os educandos com necessidades educacionais especiais estejam inseridos. Garantir também, que as novas construções obedeçam às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)
- 8- Implantar e/ou programar suporte e atendimento escolar de forma a garantir o pleno desenvolvimento humano para todos;
- 9- Estabelecer parcerias, prioritariamente, entre a educação, assistência social e saúde, envolvendo as três esferas de governo;
- 10- Orientar e assessorar a construção e/ou reconstrução do projeto político pedagógico, fundamentado no princípio de uma escola para todos;
- 11- Garantir a inclusão, no projeto político pedagógico, da Arte-Educação e da Atividade Motora, como dimensões curriculares;
- 12- Garantir a formação inicial e continuada da comunidade escolar, com vistas à inclusão das pessoas com necessidades especiais e o efetivo atendimento à diversidade;
- 13- Definir uma política de educação profissional, de forma participativa, orientada pelos princípios da inclusão;
- 14- Estabelecer estratégias de discussão do atual modelo de avaliação para definir a questão do diagnóstico, assim como a sua finalidade e efeitos.

No cumprimento ao que determina a Constituição Federal, a LDB-Lei9394/96 e o Plano Nacional de Educação.

Subscrevemos-nos.

Pirenópolis, 18 de junho de 1999

A garantia da presença da arte-educação no projeto político pedagógico das escolas, assumindo como compromisso a Carta de Pirenópolis, vem desencadeando diversas ações visando o ensino da Arte como vetor de inclusão.

4.3 A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

O âmbito nacional de educação especializada para pessoas com necessidades educativas especiais está a cargo da Secretaria de Educação Especial (SEESP), que é o órgão integrante da estrutura organizacional do Ministério da Educação e do Desporto.

A educação voltada às PNEE's pode ser conceituada como processo de desenvolvimento global das potencialidades de pessoas com deficiências, condutas típicas ou altas habilidades, presente nos níveis e graus do sistema de ensino e fundamenta-se em referenciais teóricos e práticos compatíveis com as necessidades específicas dos alunos

Para a construção positiva do currículo que abrange a educação do aluno com necessidade educativa especial têm surgido muitas alternativas de planejamento de ensino, dentre eles, os que abrangem características do processo interdisciplinar.

O processo interdisciplinar consiste em entrelaçar as diversas áreas do conhecimento, buscando alcançar complementos e suportes ao reconhecimento e apreensão de algum conteúdo. O estudo sobre o que é interdisciplinaridade e sobre sua eficácia no âmbito educativo tem persistido há alguns anos em encontros de profissionais da educação, sendo exposto em publicações científicas e através destas, muitas evidências apontam positivamente o crescimento do aluno, quando consolidado pela estratégia interdisciplinar.

Por ser uma área que envolve também a participação e consenso de vários profissionais, pode-se dizer que nem sempre trabalhar de forma interdisciplinar é fácil, afinal, se lida em primeiro lugar com pessoas, sendo estas diferentes umas das outras, juntamente, com suas crenças e opiniões, mas é exatamente neste momento de discordância em que deve haver renúncia, paciência e estudo por parte dos profissionais da educação, a fim de que possam unir-se no propósito central de alcançar o crescimento do aluno.

Em ambientes com profissionais que atuam na educação de alunos com deficiência, lamentavelmente, ainda pode-se encontrar “professores” despreparados, que não planejam meticulosamente seu plano de ensino para as especificidades do aluno e lançam qualquer atividade para preencher o tempo de aula sem que de fato estimulem ao aluno para o desenvolvimento de suas funções.

Decerto que esta é uma crítica um tanto rigorosa, todavia, não se pode

fingir que esta realidade já está superada e que dada situação não exista, pois desta forma o aluno estará sempre ocupando uma cadeira de passividade tendo limitada sua capacitação (capacitação esta tão esperada pelo mundo dos “não deficientes”); e não apenas para alcançar a capacitação, mas sim direitos de cidadania e respeito como ser humano.

Se o profissional destinado a este público perceber que seu investimento não tem dado retorno e que os alunos não estão chegando ao objetivo do plano de trabalho, ele deve buscar outras possibilidades, na maneira e trato de ensinar, progredindo continuamente em sua didática, recorrendo também ao caminho da interdisciplinaridade. Cabe, portanto ao professor envolvido no foco interdisciplinar recorrer aos outros professores e profissionais para que juntos possam oferecer tarefas, oficinas e atividades que envolvam holisticamente o aluno com deficiência mental.

Para complementar o uso da interdisciplinaridade, observa-se seu contexto de acordo com Severino (1998, p.22),

... Ser interdisciplinar, para o saber, é uma exigência intrínseca, não uma circunstância aleatória. Com efeito, pode-se constatar que a prática interdisciplinar do saber é a face subjetiva da coletividade política dos sujeitos. Em todas as esferas de sua prática, os homens atuam como sujeitos coletivos, por isso mesmo, o saber, como expressão da prática simbolizadora dos homens, só será autenticamente humano e autenticamente saber quando se der interdisciplinarmente.

Vale ainda expor que termo o interdisciplinar não deve ser abordado pela educação especial apenas para enfeitar o exercício escolar, acima de méritos e rótulos “interdisciplinares” precisa sim ser feito com coerência a fim de que o aluno jamais seja desrespeitado quanto a sua potencialidade, seu grau de deficiência, sua idade e seu histórico escolar e sua subjetividade.

Entende-se caber também à escola o investimento no ensino de educação especial, estando aberta às novas propostas educativas, recebendo estagiários, oferecendo oficinas de qualificação aos professores, averiguando a compreensão que estes podem ter das questões burocráticas da educação especial, dentre outros pormenores.

Sobre a interação existente entre professor aluno, espera-se que seja recíproca, onde o mestre o ajude inicialmente na tarefa de aprender para que em seguida, através desta ajuda, o aluno possa pensar e agir com autonomia. Para

aprender, o aluno precisa ter ao seu lado alguém atento nos diferentes momentos da situação de aprendizagem e que o auxilie a evoluir no processo, alcançando um nível mais elevado de conhecimento.

Somente o intercâmbio, a integração e troca entre membros da equipe de educadores, pode gerar uma postura aberta a tudo e a todos, essencial ao processo interdisciplinar. Dos diferentes saberes, imaginamos que o aprendiz possa relacionar seus múltiplos saberes, e desta forma, articular todas as suas competências diante uma situação problema. Credo que a resolução constante de problemas pode gerar o desenvolvimento das múltiplas inteligências, julgamos serem os projetos e a interdisciplinaridade dois mecanismos eficientes ao polimento“ das múltiplas faces desse cristal, que é o aprendiz” (NOGUEIRA, 2000, p.91).

O professor deve estimular constantemente seus alunos com deficiência superarem as limitações e sempre propor atividades motivadoras e desafiadoras, contudo, deve haver também moderação sem pressão e sem desrespeito pessoal para com o aluno, isso deve ocorrer de maneira natural através de estímulos e encorajamento às atividades prazerosas e inteligíveis.

Sendo o professor um termômetro na sala de aula, precisa ter sempre paciência, autonomia e novas estratégias para lidar na sala, pois uma saída é ele estudar bastante e ter vastos conhecimentos teóricos sobre o aluno deficiente , outra situação é colocá-los em campo e perceber que nem toda vez o resultado coincide apenas com os seus referenciais teóricos.

Atitude do professor em sala de aula é importante para criar clima de atenção e concentração, sem que se perca a alegria. as aulas tanto podem inibir o aluno quanto fazer com que atue de maneira indisciplinada. estabelecer regras de uso do espaço e de relacionamento entre os alunos é importante para garantir o bom andamento da aula. (BRASIL, 1997, p.69)

Portanto, deve estar preparado para tudo, pois, ocasionalmente, este professor pode deparar-se com situações inusitadas na aula em que seus alunos apresentam reações e comportamentos diversos (aceitações ou resistências), como qualquer outra pessoa.

No começo, por ser o primeiro contato com uma atividade corporal, alguns alunos sentem-se e demonstram-se meio deslocados ou constrangidos no início da aula, mas em pouco tempo, ultrapassam a inibição e desconfiança e entregam-se ao

trabalho.

Dependendo do nível de deficiência e da área do cérebro que apresenta seqüelas o aluno com deficiência mental pode, em alguns momentos das atividades, apresentar pequenas ou grandes dificuldades motoras, ou ainda dificuldades na associação dos conteúdos abordados e comandos oriundos do professor. Mas cada caso é um caso, por conseguinte, cada sujeito comporta-se e recebe diferentemente, outros alunos por sua vez participam com notável facilidade e estimulam os demais a esforçarem-se e incluírem-se na atividade realizada.

Vale pontuar ainda que, muitas vezes antes de a aula obter êxito, o professor enfrenta desafios e necessita de ousadia e força de vontade para continuar seu trabalho; a alusão à forma interdisciplinar da dança e suas dificuldades é encontrada em textos de Satrazzacappa (2006), ela enfoca que é possível aplicar e estudar a dança sob várias ópticas, podendo abranger as interfaces com outras áreas do conhecimento, como psicologia, comunicação, educação, sociologia, saúde, entre outras.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa foi realizada na escola especial Ciranda da Esperança APAE de Tubarão, no segundo semestre de 2012.

Para a coleta de dados foi aplicado um questionário com os professores que trabalham nessa escola e que não lecionam artes. Cada professor recebeu um questionário para identificação da formação, o tempo de serviço no magistério, e se participa de formação continuada. Para efeitos de sigilo, os professores nesse estudo foram denominados Professor 1, Professor 2 e assim respectivamente com os demais. O questionário foi entregue a 35 professores somente, 20 aceitaram participar dessa pesquisa, respondendo todas as questões.

Dos 20 professores 15 possuem ensino superior em pedagogia, 2 estão cursando pedagogia, 3 são formadas no magistério. Sobre a formação continuada 13 professores tem 1 a 2 cursos de formação, 2 professores com 3 a 5 cursos e 5 professores sem nenhum curso de formação continuada.

Sobre o tempo de serviço, três das entrevistadas, possuem 8 meses de trabalhos, 7 possuem de 6 a 10 anos, 5 possuem de 11 a 20 anos e 5 das

entrevistadas possuem mais de 21 anos de trabalho prestado ao magistério.

Com relação às perguntas feitas no questionário, com o intuito de conhecer a visão de outros profissionais com o ensino das artes, queríamos saber, qual o objetivo de artes na educação especial? Segundo P1, ela relata: “Estimula muito a autoestima (dança, teatro, música), aflora as potencialidades que o aluno tem e às vezes até desconhece”. Para o P3, o objetivo da disciplina de artes é: “estudar as expressões artísticas e estimular a inteligência dos educandos”.

Buscando um desenvolvimento pleno e a integração dos educando, as aulas de artes devem ser prazerosas, permitindo que o aluno brinque de serem outras pessoas, que ele dance, cante e pinte do seu jeito, que seja um espaço para desenvolver suas potencialidades, suas fantasias, sua imaginação.

Seguindo o questionário, a segunda pergunta foi: em sua opinião o que é arte? Em resposta, todos os entrevistados foram unânimes, relatando que a arte é uma forma de expressar os sentimentos. Dando destaque ao relato do P1: “Toda forma de expressão que representa o sentimento momentâneo de um indivíduo com relação a alguma coisa”.

A arte realmente é uma forma de expressão mais ela também é uma forma de contribuir na construção de conceitos e opiniões próprias que reflitam qualitativamente para a formação e transformação pessoal e profissional das pessoas.

Assim, segundo MARTINS (2002, p. 60), “A arte é importante por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber”.

Perguntamos também: você acredita que a escola especial valoriza as produções dos alunos com deficiência intelectual/múltipla? Nessa pergunta em questão, houve algumas divergências, pois alguns acreditam que sim, já outras que nem sempre, ou não. Para o P3: “Sim, a maiorias. Através de exposições, apresentações em espaços públicos, festivais regionais, estaduais e nacionais”. Já P2, relata que: Nem sempre, pois ainda a arte no conceito de muitas pessoas, são trabalhos tradicionais, não se interpreta realmente o sentido de cada trabalho, se busca o perfeito. Também falta mais exposições e oportunidade para que o aluno possa explicar sua arte”. Para P3: “Não, não acredito. “Porque eles fazem mais que o aluno para que o mesmo fique perfeito”.

A análise segue com outros questionamentos, seguindo com a pergunta:

Na escola especial existe um espaço para expor as produções desenvolvidas em sala de aula? Como na pergunta anterior, essa também houve divergências entre os entrevistados, onde alguns relatam que não, não há esse espaço necessário. Já outros relatam que sim, citando o hall de entrada como um espaço adequado para as exposições. E outros relatam que essas produções ficam expostas somente dentro da sala de aula, ambiente esse frequentado somente pela turma.

Dando sequência as perguntas, questionamos também: Nas aulas de artes você acredita que o aluno com deficiência intelectual/múltipla, consegue reconhecer alguns elementos da linguagem visual bem como o que ele produziu para sua confecção? Todos acreditam que sim, que os alunos conseguem reconhecer, mesmo com suas limitações. P3 diz que: "Sim, uns um pouco mais, dependendo o grau de deficiência". Para P2: "Sim. Os alunos conseguem distinguir a linguagem e os materiais utilizados na sala de aula, com o auxílio da professora."

Assim:

É importante que dentro das atividades propostas durante as aulas de artes o aluno interaja com os materiais, instrumentos e procedimentos diversos nas várias linguagens artísticas, experimentando de modo individual e coletivo, articulando a percepção, a imaginação, a leitura e a produção nessas diferentes linguagens e construindo aprendizagens significativas a partir de suas vivências. (TIBOLA, 2001, p. 22)

Na próxima pergunta do questionário, dando um foco maior a pesquisa, foi questionado se: A disciplina de artes na educação especial contribui para o desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual/múltipla? Foi colocada a opção de escolha para assinalar, sim ou não e também para os entrevistados justificarem sua resposta. Nessa pergunta como já colocado nos relatos anteriores, foi unânime entre os professores, todos colocaram que sim. P3 descreve que: "Porque, pode exercitar a criatividade, autonomia, desenvolver a comunicação, reforçar conteúdos trabalhados em sala de aula, ajudar no desenvolvimento ou aprimoramento motor e no desenvolvimento de suas habilidades". Para P3, "Contribui e muito, mais seria interessante que fosse professores formados na área".

Nada mais importante que o papel do professor mediador para oportunizar o desenvolvimento dos educandos por meio da arte, possibilitando o aprendizado das linguagens artísticas que merecem ter abordagens específicas.

Segundo MARTINS (2002, P.53).

O educador, podemos pensar, é aquele que prepara uma refeição, que propõe a vida em grupo, que compartilha o alimento, que celebra o saber. E do entusiasmo do educador que nasce o brilho dos olhos dos aprendizes. Brilho que reflete também o olhar do mestre.

Ainda analisando os relatos dessa pergunta, P2 responde que: “Incentiva a auto estima, contribui na melhora da linguagem oral, corporal, e até na integração social”. Refletindo com os professores, podemos afirmar que a importância da arte na formação de crianças, jovens e adultos, na educação geral e escolar, está ligada à “função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios de civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização”. (FERRAZ & FUSARI, 1993, p 16). A importância do exercício da expressão artística não está apenas no desenvolvimento da criatividade que ela promove, ou no aprimoramento das formas de percepção por parte das pessoas: a arte é relevante enquanto objeto de conhecimento que amplia a compreensão do homem a respeito de si mesmo e de sua interação com o mundo no qual vive.

Sendo assim A Proposta Curricular de Santa Catarina

No que diz respeito ao ensino da arte, tem como pressuposto que arte gera conhecimento. Possuidora de um campo teórico específico relaciona-se com as demais áreas, desenvolve o pensamento artístico e a reflexão estética. Compreende e identifica (...) a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas (PCN, 1996, p. 30) e, através dessa dimensão social, possibilita o (...) o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. (BRASIL, 1996, p. 5).

Prosseguindo a pesquisa, a pergunta seguinte questiona: Você percebe que na escola especial há recursos pedagógicos para que o professor de artes possa desenvolver diferentes linguagens com os alunos com deficiência intelectual/múltipla? Nessa pergunta alguns professores relataram q sim, já outros que não. Nos que relataram que sim, houve a justificativa que está no caminho, mais que ainda faltam alguns recursos necessários para o desenvolvimento pleno dos trabalhos. Como cita P3: “A escola está caminhando para alcançar esse objetivo, porem ainda falta muita coisa. Exemplo um espaço especial para as aulas de arte”.

P2 coloca que: “Pouco, poderia ter mais recursos destinados a artes”. Já P1: Sim, depende muito da vontade e disponibilidade do professor, usar o que oferecido e buscar novos recursos. P2: “Sim, são utilizados recursos como imagens,

tintas, gravuras, lápis de cor, multimídias (televisão, aparelho de som) colagem, recorte e outros”.

Durante a aplicação dos questionários, em conversa com os professores de artes, que nessa pesquisa não foram abordados, eles me falaram que referente aos recursos, e principalmente na parte de multimídias, relataram que sim, que existe esse espaço na escola mais que não são disponibilizados um horário para a utilização dos mesmos.

Finalizando o questionamento, perguntamos se: O ensino da arte está contemplado no Projeto Político Pedagógico da escola espacial? A grande maioria respondeu que sim, não justificando sua resposta, sendo que somente dois justificaram. Porém o P3 relatou que: Não Completamente, pois deveria ser mais específico junto à área citada. “Já P2:” Acredito que sim, através dos projetos que vejo na escola, como coral, aula de música e os trabalhos criados durante as aulas.

Então ressalto aqui a importância que o professor de arte tem para esses alunos. É preciso entender que a Arte tem a ver com comunicação, que o ser humano desde sempre se comunica através de diversas linguagens, não somente a escrita. Nesse sentido a arte no contexto escolar, seja ela no ensino regular ou no ensino especial, é necessária porque do mesmo modo que é necessário alfabetizar as crianças na linguagem das letras e das palavras é necessário também que aconteça uma alfabetização visual nas escolas, uma alfabetização cultural, uma alfabetização em Arte.

6 PROJETO DE CURSO

6.1 TÍTULO

A importância do ensino de arte na educação da pessoa com deficiência.

6.2 JUSTIFICATIVA

A arte é cultura dos povos, é uma expressão de uma época, mais que isso, a arte é um conhecimento construído e adquirido pelo homem através dos tempos, aliás, desde os tempos da pré-história ele já manipulava cores, texturas, sons, ritmos, formas, espaços, tudo com a intenção de comunicar algo. Sendo assim, é preciso dar o valor devido a ela.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte defendem-na como conteúdo, como conhecimento, e não apenas como atividades. Mais mesmo assim, não é difícil encontrar educadores de Artes ou de outras disciplinas fazendo o uso dela apenas como passatempo ou como distração das aulas.

Como o estudo da Arte, há muito tempo, é considerado parte do processo de aprendizagem das pessoas, seja dentro ou fora do ambiente escolar, processo esse, importante para a formação da cultura humana, não poderia ser diferente com as pessoas com deficiências, atendidas dentro das APAES.

Sendo assim o objetivo desse curso é proporcionar aos professores que atuam na escola especial Ciranda da Esperança do município de Tubarão, uma reflexão sobre a disciplina. Mostrando através de textos e livros a importância do ensino da Arte no processo de aprendizagem dos alunos, para um desenvolvimento pleno.

Acredito que essa proposta de curso será de grande relevância para os professores que atuam na instituição APAE, local esse onde também trabalho e percebo que a disciplina de arte para alguns professores é meramente um período de descanso, espero que com a aplicação desse curso possa mostrar para esses professores que o ensino de arte é relevante enquanto objeto de conhecimento.

6.3 OBJETIVO GERAL

Possibilitar aos professores da escola especial Ciranda da Esperança APAE de Tubarão, conhecer (re) a relevância da arte no desenvolvimento da pessoa com deficiência.

6.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Realizar experiência estética com as diversas linguagens da arte;
Refletir sobre a disciplina de arte no contexto escolar;
Estabelecer relações entre a disciplina de arte e as demais áreas do conhecimento.

6.5 PROPOSTA DE CARGA HORÁRIA

Horas – Aula

Teórica: 06h – Práticas: 14h

Total: 20h

6.6 PÚBLICOS ALVO

Professores que atuam na escola Ciranda da Esperança.

6.7 EMENTA

A importância do ensino de arte na educação da pessoa com deficiência.

6.8 METODOLOGIA

O curso será realizado na escola especial Ciranda da Esperança, com os

professores. Faremos uma reflexão, com base em textos teóricos, sobre os conhecimentos das linguagens artísticas.

Na prática, estaremos discutindo esse tema, a partir de experiências estéticas propostas. Durante os encontros procuraremos conhecer a importância das linguagens da arte e como elas possibilitam o desenvolvimento das pessoas com deficiência.

6.9 REFERÊNCIAS

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Estratégia e orientações sobre artes: respondendo com arte as necessidades especiais. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2002.

TATIT, Ana; Machado, Maria Silva M. **300 propostas de artes visuais**. São Paulo: Loyola, 2003.

TIOBOLA, Ivanilde Maria; **Arte, Cultura, Educação e Trabalho**. Brasília, DF: Federação Nacional das APAES, 2001.

7 CONCLUSÃO

Analisando tudo o que foi desenvolvido no decorrer da pesquisa, o que foi aprendido e o que foi vivido, percebi que faltam as palavras para descrever tanto aprendizado, tanto conhecimento adquirido. Mas, fica a certeza que este trabalho expandiu meu horizontes, modificou muito minhas convicções e tornou-me uma pessoa politicamente melhor, mais politizada no que se refere à educação inclusiva.

Como professora, aprendemos a olhar para os alunos com necessidades especiais com outros olhos, menos contaminados pelas ideias que muitas vezes são propagadas no espaço escolar, de que os alunos com necessidades especiais são formados apenas pelo biológico, esquecendo assim, que elas são seres humanos, singulares, que tem suas necessidades particulares então podem ser estigmatizadas ou pré-julgadas pela necessidade especial que possui.

Dessa forma, o olhar do professor é muito relevante para o sucesso ou fracasso do aluno com necessidades educativas especiais. Se este olhar for descrente, sem perspectivas, com certeza as possibilidades de avançar no processo de ensino e aprendizagem serão mínimas, mas, se do contrário, depositarmos confiança e fizermos um trabalho pedagógico condizente com a realidade, os resultados podem ser muito mais significativos, colaborando assim para um futuro com maiores expectativas.

Durante a pesquisa fui levada a desmistificar muitos assuntos que estão presentes na carreira docente e que acabam se difundindo e formando um pensamento quase que unificado. Dentre estes assuntos também está inserida a educação inclusiva, que apesar de ser amparada pela lei, ainda é muito mal interpretada. Por isso, o professor que atuar com educação especial precisa ter confiança em sua própria competência, precisa atualizar seus conhecimentos, especializando-se na área pretendida. Diante disso, considero que além do preparo especializado em educação especial, o afeto, o carinho e acima de tudo a vontade de fazer a diferença na vida dos alunos é fundamental. Conhecer seu aluno e suas necessidades é muito importante para oferecer um trabalho pedagógico significativo. Porém, para que isso aconteça é preciso expandir o olhar para fora dos muros da escola, e para fora da questão orgânica.

Percebemos, ainda, que a falta de estrutura e o pensamento retrógrado de algumas instituições não colaboram para a evolução de uma educação inclusiva,

voltada para todos. Para que a inclusão aconteça realmente, é preciso quebrar uma série de paradigmas e crenças que foram fomentadas e difundidas durante décadas, e que com certeza ainda influenciam nosso meio. Neste sentido, esta pesquisa foi muito válida. Pois, foi através dela que me deparei com uma série de questionamentos, dúvidas e angústias que só serviram para instigar, ainda mais, minha vontade de buscar um conhecimento maior sobre os alunos com necessidades especiais através da disciplina de artes.

Por isso, o trabalho realizado com as professoras que fizeram parte desta pesquisa, através da exposição do aprendizado junto aos alunos com necessidades especiais educativas, foi muito importante para o meu aprendizado e para o sucesso desta pesquisa. Através delas, permiti novos olhares e diferentes perspectivas, que me proporcionaram muito conhecimento.

E, através da pesquisa percebi que a inclusão só acontece quando escola, família e sociedade convergem para este evento. Nesse sentido, percebo que estamos apenas começando no processo de inclusão e como todo o começo traz muitas dúvidas e incertezas sobre o seu sucesso, se a vontade de enfrentá-las, e de construir novos caminhos for maior, as ansiedades vão diminuindo e projetos pedagógicos mais condizentes com a realidade das crianças com necessidades educativas especiais surgirão.

Sendo a educação o alicerce de uma sociedade, onde adquirimos noções de cidadania, de ética, de respeito ao próximo, a escola deve ser a mediadora desse processo e se esta pregar de alguma forma o preconceito, isso se perpetuará e refletirá em uma sociedade discriminatória onde os direitos humanos não são considerados. Por isso, a inclusão não pode ser considerada uma utopia.

Todo ser humano tem direito à educação, seja ele portador de necessidades especiais ou não, e se negarmos a inclusão estaremos negando também o direito a uma vida digna para todas as pessoas. Neste sentido, a disciplina de arte, o ensino de Arte nas escolas das APAES significa a existência de um espaço de estudo, pesquisa e reflexão sobre o trabalho escolar em Arte e sua importância.

Ressalto, ainda, a importância de novos estudos e pesquisas sobre o tema, uma vez que o mesmo é abrangente e socialmente relevante. Ainda há pouca literatura nas bibliotecas, estruturada com base em pesquisas. Há opiniões contraditórias, dúvidas quanto à capacidade de professores em todas as áreas do

conhecimento. Além disso, há uma gama diversificada de necessidades educativas especiais, com um campo aberto a novos estudos e pesquisas, relevante na sociedade contemporânea, diante do confronto contínuo com a diversidade humana.

Nesta dimensão, a sociedade se configura e re configura continuamente, adequando práticas e novos modos de acolhimento a todos. Trata-se de um convite para lançar novos olhares, menos excludentes, coerentes com as demandas sociais. Entretanto, esse processo requer pesquisas, estudos, capacitação e formação continuada de professores, participação da família e da sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. **O ensino da arte e sua história.** São Paulo: MAC/USP, 1990.

BERTOLD BRECHT. **Por que ensinar arte?**. Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=117>. Acesso em 23 out 2010.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola.** - São Paulo: Cortez 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federal do Brasil.** Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte.** Brasília, MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Especial. **Educação Especial no Brasil.** Ministério da Educação e do Desporto, Brasília: a secretaria, 1994 (Série: Institucional, 2).

CARDOSO, Marilene da Silva. **Aspectos históricos da educação especial: da exclusão à inclusão – uma longa caminhada.** In: STOÄUS, Claus Dierter; MOSQUERA, Juan José mourinho (orgs.). **Educação especial: em direção à educação inclusiva.** 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006..

CARNEIRO, Maria S. Cardoso. **A deficiência mental como produção social: de itard à abordagem histórico-cultural.** In: BAPTISTA, Cláudio Roberto; BEYER, Hugo Otto. et al.(org.). **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2006. 76 p.

COMISSÃO NACIONAL DE PONTOS DE CULTURA. Carta de Pirenópolis. Pirenópolis, 28 de novembro de 1999

CARVALHO, Livia Marques. **O ensino de artes em ONGs.** São Paulo: Cortez, 2008

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador.** São Paulo: Hucitec, 2003.

FERRAZ, M. Heloísa C.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte.** São Paulo: Cortez, 1993.

FREITAS, Soraia Napoleão. **Sob a ótica da diversidade e da inclusão:** discutindo a prática educativa com alunos com necessidades educacionais especiais e a formação docente. In: _____ (Org.). **Tendências contemporâneas de inclusão.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

HERNANDES, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino de Teatro.** Campinas: Papyrus, 2001.

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002.71

LEI FEDERAL Nº. 5692/71 - Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

LEI FEDERAL Nº. 9394/96 - Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

LEI FEDERAL Nº. 11769/2008 - Dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de Música na Educação Básica.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na Escola.** São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, A. F. **As Artes visuais e a educação inclusiva .** IN: **Arte sem Barreiras:** educação, arte e inclusão. Caderno de Textos: Funarte, 2002

MED. Bohumil. **Teoria da Música.** Brasília: MusiMed, 1996

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Projetos Interdisciplinares “**Uma Abordagem para a Prática dos PCNS**” In **JORNADA DE EDUCAÇÃO DO NORTE-NORDESTE**, 2, 2000, Ceará. Anais. Ceará: Ed. Futuro e Congressos e Eventos, 2000.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **O papel da Cultura Visual na formação inicial em Artes Visuais.** In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Educação da cultura visual:** narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Ed. UFSM, 2009

PORTINARI, Maribel. **História da Dança.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

REGIMENTO ESCOLAR :subsídios orientadores / coordenação geral Ivanilde Maria Tibola. . Brasília : Federação Nacional das APAEs, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade:** o saber como intencionalização da prática. In FAZENDA, Ivani (org). **Didática e Interdisciplinaridade.** 11.ed. São Paulo: Prós, 1998.

SCHAFFER, R. Murray. **O Ouvido Pensante.** São Paulo: Unesp, 1991.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A Importância de Congressos, Encontros e Festivais na Construção do Conhecimento em Dança.** In: STRAZZACAPPA, Márcia;

MORANDI, Carla. **Entre a Arte e a Docência: A formação do artista da dança.** São Paulo: Papyrus, 2006.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos Temáticos.** Florianópolis: IOESC, 2008.

_____. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial – educação especial: um direito assegurado.** Brasília: MEC/SEESP, 1994.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: adaptações curriculares.** Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.

TIOBOLA, Ivanilde Maria; **Arte, Cultura, Educação e Trabalho.** Brasília, DF: Federação Nacional das Apaes, 2001.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para educação especial na educação básica/ Secretaria de Educação especial – MEC: SEESP, 2001.**

ANEXOS

ANEXO A – Questionário aplicado

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE-UNESC CURSO: ARTES VISUAIS PESQUISADORA: ANA LUCIA DUARTE ALBERTON PROFESSORA ORIENTADORA: SIMONE DAS GRAÇAS N. FELTRIN</p> <p>TÍTULO DA PESQUISA: O ensino da arte na educação especial: Um olhar dos professores da escola especial/APAE</p> <p>MOTIVO DA PESQUISA: Elaboração do TCC</p> <p>OBJETIVO DA PESQUISA: Analisar como os professores que atuam com educandos com deficiência intelectual /múltipla, percebem o ensino da arte na Escola Especial/APAE de Tubarão, de forma a contribuir para o aprimoramento das atividades pedagógicas desenvolvidas para o público com deficiência intelectual /múltipla.</p> <p>OBSERVAÇÃO: O nome dos professores entrevistados será mantido em total sigilo, pois os dados serão trabalhados no seu conjunto.</p>
---	---

1- IDENTIFICAÇÃO**A) Formação:**

- () Magistério
 () Curso superior incompleto. Qual _____
 () Curso superior completo. Qual _____
 () Pós graduação. Qual _____
 () Mestrado. Área _____
 () Outro. Qual _____

B) Tempo de serviço no magistério:

- () Meses. Quantos _____
 () De 01 a 05 anos;
 () De 06 a 10 anos;
 () De 11 a 20 anos;
 () 21 anos ou mais.

C) Cursos de formação continuada que você fez no último ano:

- () Nenhum
 () 01 a 02 cursos
 () 03 a 05 cursos

2- RESPONDA:

A) Para você qual o objetivo da disciplina de artes na educação dos alunos com deficiência intelectual/múltipla?

B) Em sua opinião o que é arte?

C) Você acredita que a escola especial valoriza as produções dos alunos com deficiência intelectual/múltipla? De que forma.

D) Na escola especial existe um espaço para expor as produções desenvolvidas em sala de aula?

E) Nas aulas de artes você acredita que o aluno com deficiência intelectual/múltipla, consegue reconhecer alguns elementos da linguagem visual bem como o que ele produziu e os materiais que utilizou para sua confecção?

F) A disciplina de arte na educação especial contribui para desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual/múltipla

() Sim

() Não

Justifique sua resposta.

G) Você percebe que na escola especial há recursos pedagógicos para que o professor de artes possa desenvolver diferentes linguagens com os alunos com deficiência intelectual/múltipla?

H) O ensino da arte está contemplado no PPP da escola especial?

ANEXO B – Autorização para publicação



Unesc UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO: ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

PESQUISADORA: Ana Lúcia Duarte Alberton

PROFESSORA ORIENTADORA: Simone das Graças N. Feltrin

TÍTULO DA PESQUISA: O ensino da arte na educação especial: Um olhar dos professores da escola especial ciranda da esperança/APAE Tubarão - SC.

MOTIVO DA PESQUISA: Elaboração TCC

AUTORIZAÇÃO

Eu,.....

RG..... (nº da Identidade), estou de acordo a participar de uma pesquisa que busca compreender o que os professores da escola especial Ciranda da esperança/APAE de tubarão SC pensam sobre o ensino da arte no desenvolvimento dos alunos com deficiência intelectual/múltipla.

Autorizando assim, o uso de minhas falas para a pesquisa, sendo que o seu nome será mantido em sigilo.

Atenciosamente,

Assinatura

Criciúma, 2012.